

Maceió, 11 de julho de 1966.

Meu bom amigo Walter da Silveira,

Sua carta, recebida hoje, me deixou muito feliz. Foi uma das mais gratas surpresas, nestes três longos anos de atividades no velho JORNAL DE ALAGOAS (Diários Associados), "mandando brasa" em assuntos de cinema, dentro de minhas reconhecidas limitações. Foi - e ainda é - uma tarefa árdua, espécie de desbravamento na marra, lutando contra toda sorte de ~~adversidades~~ adversidades. Imagine que nem sequer possui permanente para qualquer um dos nossos cinemas. Portanto, pago, enfrente filas, não recebo material de distribuidores e exibidores. Ainda por cima, o trabalho para o jornal não é remunerado. Cito tudo isso, para que você possa ter uma idéia da precariedade com que me vejo a braços e sinta o atraso cinematográfico em que chafurdamos, nesta pobre e esquecida cidade. Ainda assim, não perdi o ânimo. Movimento a coluna como posso, com resenhas, noticiários, comentários, citações e transcrições.

Pense de Milton, justamente aquilo que está em sua carta. Bote fé no que digo! Ache, sinceramente, que você nada tem a me agradecer, pois apenas agi com o intuito de fazer-lhe justiça. Sobre o FRONTEIRAS DO CINEMA, ainda espero vir a escrever um artigo melhor e mais substancioso, porquanto aquele saiu a toque-de-caixa, apenas obedecendo à premência de tornar o livro conhecido de nossa boa turma que se interessa por cinema e que tem seu núcleo entre os universitários. Espere que não tenha levado a mal as restrições que fiz àquela prefácio de Jorge Amado, que está a quilômetros de distância do nível (excelente) do livro e não chega a lembrar, nem de leve, o JA que conheço. O Salvyano, no "Correio", parece que também pensou assim, embora me cheire que existe algo de pessoal entre ele e o autor de "Dona Flor e seus Maridos".

Eu é que estimaria muito privar de sua amizade pessoal, através de contatos permanentes, o que me permitiria usufruir coisas fabulosas. De qualquer forma, a minha amizade você já a tem, sob quaisquer circunstâncias. Na primeira oportunidade, aparecerei por aí para abraçá-lo. Gostaria também de rever o Milton, conhecer o Zé Augusto, o Alberto Silva, o Jerônimo Almeida, o Hamilton, enfim, toda essa gente boa, alimentada pela sua seiva fértil e revigorante.

Creio que o Milton já lhe expôs os nossos grandes e quase insolúveis problemas em termos de cinema. Tentamos levar adiante o Clube de Cinema de Maceió e ainda nos encontramos num impasse. Nada de incentivo, ajuda, entusiasmo, ou coisa que o valha. Confirma-se a velha tese: uma andorinha só não faz verão. O festival de Cinema Baiano foi aquele fracasso. Tudo encaixado (o próprio Milton já tinha revolvido metade da Bahia e conseguido muita coisa), a Empresa Luiz Severiano Ribeiro negou a casa, por sinal a única decente e à altura do empreendimento. Talvez a atitude daquela empresa tenha como motivo (injusto) o fato de não haver conseguido penetrar aí em Salvador. Agora, os universitários estão movimentando uma campanha pela criação do Cinema de Arte, que deverá funcionar em ligação com o do Recife. Tudo vai depender dos acordos a serem estabelecidos com o gerente da empresa Severiano no Recife, e com o Alex, o Spencer e o Marconi.